

Corpo, vida e morte na psicose

Abrahão de Oliveira Santos

Na atividade grupal com usuários do serviço psiquiátrico, assim como nos ritos religiosos dos *Yorùbá*, o encontro de vários caminhos estabelece uma junção entre a vida e a morte, e traz, para corpos em sofrimento, possibilidades de agir.

*“Vai-se falar da vida de um homem;
de cuja morte, portanto.”*
Guimarães Rosa

Um modo muito particular de relação do homem com a morte foi encontrado por Juana Elbein dos Santos¹ no universo cultural da tradição mítica e litúrgica deixada pelos *Yorùbá* na Bahia. A pesquisa de Juana Elbein é inspirada – e guiada – pela experiência dentro do sistema religioso *Nàgô*, do qual participa ativamente nos terreiros baianos. De acordo com a documentação editada em *Os Nàgô e a morte*, o espaço do terreiro do candomblé, como é chamada a religião africana recriada no século XIX na Bahia, é dividido entre o espaço “urbano” e o “mato”. “O espaço ‘urbano’, doméstico, planejado e controlado pelo ser humano, distingue-se do espaço ‘mato’, selvagem, fértil, incontrollável e habitado por espíritos e entidades sobrenaturais”². Esses espaços conectam-se, há intercâmbio e troca. O espaço urbano toma os elementos do mato, expande-se, fortifica-se.

Essa duplicidade e esse jogo desdobram-se e multiplicam-se noutras formas, revelando a grande heterogeneidade da vida. A existência transcorre em dois espaços ou níveis inseparáveis, o *àyé* e o *òrun*. Todo o sistema religioso *Nàgô* visa restabelecer a relação harmoniosa entre esses dois planos ubíquos. O *àyé* é o mundo, o universo físico concreto e a vida de todos os seres naturais que o habitam, particularmente a humanidade; o *òrun* é o além, o espaço sobrenatural, a imensidão, o infinito e o distante, a vastidão ilimitada habitada pelos mortos e por todos os seres sobrenaturais, um mundo paralelo e coexistente a todos os conteúdos do mundo real. “Cada árvore, cada indivíduo, cada animal, cada cidade, possui um duplo espiritual e abstrato”³ habitando o além. Eis como a tradição *Yorùbá* se ocupa da vida e da morte.

Abrahão de Oliveira Santos é psicólogo clínico institucional, professor da UNIARARAS, Araras-SP e da UniABC, Santo André-SP, e doutorando em Psicologia Clínica (PUC-SP). As idéias centrais deste texto foram apresentadas no II Fórum de Psicanálise e Saúde Mental, promovido pela Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa, em maio de 2000, e fazem parte das minhas pesquisas no doutoramento. (Bolsista CAPES.)

Numa das versões míticas relatadas, em épocas muito remotas o *àiyé* e o *òrun* divisavam diretamente e os seres iam de um lado a outro sem percalços. Os seres humanos podiam ir ao espaço sobrenatural e voltar. Todavia um ato incauto sucedeu-se. Ao tocar o *òrun* com as mãos sujas o homem provocou a fúria de *Olórun*. Furiosa, a entidade suprema soprou e inter-

vidualiza⁶. Mas o *àse* ele próprio não é um poder individual ou pessoal. O poder que permite que a existência advenha se realiza e é realimentado no “terreiro”, o *àse* é do terreiro, um espaço coletivo que não pode ser pensado inteiramente como espaço humano, pois não apenas muitas forças sobrenaturais ali habitam, mas também a maior porção do terreiro é constituída do

aniquilados no nada, ou que o corpo retorne à massa informe de onde proveio. Mas de forma alguma pretende bloquear as forças intempestivas e perigosas do além.

Conta a versão mítica que, quando *Olórun* procurava criar o ser humano, após várias matérias lhe terem sido apresentadas, seus auxiliares foram buscar lama. A lama chorou e derramou lágrimas e nenhuma entidade teve coragem de apanhar um pouco dela. Mas *Ikú*, Morte, não teve misericórdia. Apanhou uma porção da lama e levou-a a *Olódùmaré*, que pediu a *Òrìsàlá* e a *Olùgama* para modelarem-na e ele mesmo insuflou-lhe o hálito, deu-lhe o sopro da vida. *Olódùmaré* determinou a quem apanhou a porção de lama, a Morte, que a recolocasse em seu lugar a qualquer momento. Cabe à Morte levar-nos de volta à lama. O corpo recebe existência a partir da massa genérica e deve voltar a ela. Dessa forma todos os anciãos voltam, depois de sua morte, ao *òrun* e, mudando imediatamente de *status*, tornam-se *okú-òrun*, ancestrais.

A restituição simbólica do *àse* aos ancestrais realizada nos rituais é também a restituição da força vital à protomateria da qual tudo que é vivo saiu. Os vários sacrifícios realizados nos cultos devem-se à tentativa de restituir ao mundo do além a porção de lama recebida que vive individualizada no mundo dos vivos (*àiyé*). Os ritos, no sistema *Nàgô*, consistem em assegurar a vida individualizada no *àiyé*. É a luta entre a existência indiferenciada no além, onde habitam os ancestrais mortos, e a existência individualizada no mundo dos vivos. Presença, transmissão e distribuição de *àse*, a força da vida, princípio de realização da existência, do devir e da individualidade é o que permeiam os ritos da tradição *Yorùbá*, em sua função de regular as relações do mundo dos vivos com o mundo dos mortos.

Uma existência não individual-

Cabe à Morte levar-nos de volta à lama. O corpo recebe existência a partir da massa genérica e deve voltar a ela.

pôs entre os planos a atmosfera. A existência se desdobrou e os seres humanos não puderam mais ir e voltar do *òrun* vivos. A trama *Yorùbá* entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos diz-nos não apenas da grande proximidade entre vida e morte; diz-nos também da experiência humana com poderes dificilmente manejáveis, mas diz-nos, sobretudo, do verdadeiro terror *Nàgô* do aniquilamento total, do nada, de ser completamente reabsorvido pela protomassa e não nascer nunca mais.

“É através do *àse*⁴, propulsionado por *Èsù*, que se estabelece a relação do *àiyé* – a humanidade e tudo que é vida – com o *òrun* – os espaços sobrenaturais e os habitantes do além⁵. O *àse*, poder vital, princípio de realização da existência, é indispensável à existência individualizada. O *àse* é “sangue que circula, que dá vida e indi-

“mato”, nível de existência não-humano, incontrolável e perigoso. O *àse* realiza a existência das coisas e permite o seu devir. O poder vital é desenvolvido no terreiro, recebido, compartilhado e distribuído através das práticas rituais. “Receber *àse* significa incorporar os elementos simbólicos que representam os princípios vitais e essenciais de tudo que existe, numa particular combinação que individualiza e permite uma significação determinada. Trata-se de incorporar tudo que constitui o *àiyé* e o *òrun*, o mundo e o além⁷. A força que assegura a existência, o acontecimento e o devir só pode ser transmitida por introjeção ou contato, depende de uma “comunidade flutuante⁸ e não é individualizada nem pessoal, mas sobrenatural. O sistema *Nàgô* consiste em assegurar a vida individualizada no mundo dos vivos, de evitar ou impedir que a vida e o corpo sejam

lizada quer dizer uma existência sem singularidade que a separe do coletivo, da família, da terra, da massa fértil da qual tudo nasceu. O culto *Nàgô* mobiliza uma potência coletiva, o *àse* do terreiro e dos elementos, estabelece uma conexão com o além, com o propósito de manter no mundo dos vivos os homens como seres singulares e em diferenciação, para restituir a vida e seu desenvolvimento. Ter existência individualizada é não estar dormindo, não estar sob o domínio de outro, é ter voz própria, ter seu grito próprio, um corpo distinto e separado, é ter vontade. A palavra oral e a sonoridade têm um papel fundamental no contato entre os mundos. A palavra é carregada de *àse*, o princípio vital que mantém vivo o sistema. Produzir o sopro da fala, fazer falar ou “abrir a fala”⁹, é um ato fundamental do processo de iniciação das noviças. Ao nascer toda criação dá um grito. Os seres sem existência individualizada não têm voz própria. O som, na descrição

dos instrumentos, a música, as palmas, também induzem à ação e à comunicação entre a humanidade e o além – o espaço sobrenatural.

O sistema religioso *Yorùbá* é um poderoso e sofisticado meio de comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. O contato com os mortos está relacionado ao renascimento. Os mortos são um contraponto necessário à minha vida, a garantia de minha continuidade. A vida no mundo dos vivos depende dos ancestrais. O profundo significado dos mitos, dos oráculos, da adoração e da adivinhação naquele sistema refere-se à restituição da vida individualizada no mundo dos vivos. A relação dos vivos com os mortos se coloca, mais precisamente, ante a questão da individualização e da não individualização. Na relação com os mortos interessa-nos manter a vida e mantê-la em seu desenvolvimento. O contato com os mortos e tudo que vem do além permite-nos reencontrar a nascente inesgotável da vida e das coisas e

der a individualidade, seu corpo enquanto separado.

O contato do mundo dos vivos com o mundo dos mortos só pode ser feito por meio da entidade chamada de *Èsù*, o princípio de expansão e de comunicação. É através dele que a palavra atravessa o amplo espaço atmosférico que separa o mundo dos vivos do além e chega às divindades, os *òrisà*, e aos ancestrais protetores e perigosos. *Èsù* é uma entidade ligada à coletividade e é, ao mesmo tempo, princípio de vida individualizada, pois tudo que existe é constituído por seu *Èsù*. Sem o princípio dinâmico de expansão e comunicação, Juana Elbein é enfática, tudo que existe ficaria imobilizado, a vida não teria como se desenvolver. Cada elemento, cada coisa ou entidade, cada ser vivente, cada humano, cada família ou grupo, cada cidade tem seu próprio *Èsù* em seu corpo. Caso o princípio de expansão e comunicação não estivesse em seu corpo, este corpo não poderia existir, não saberia se está vivo ou morto. *Èsù* é princípio de existência diferenciada, pois impulsiona o ser a desenvolver-se, a crescer, a transformar-se, aciona o devir. Sendo assim, cada um tem à sua mão seu próprio remédio, o poder que pode utilizar para aumentar o vigor de seu desejo. *Èsù* é o elemento, o aspecto de cada um que traça os caminhos e os novos caminhos. Ele abre, traça, fabrica uma nova geografia, uma geografia singular, encontra os caminhos apropriados, sintoniza ou fecha-os. Senhor dos caminhos, *Èsù* fica na beira da estrada, mas seu lugar favorito é a encruzilhada onde os caminhos se encontram e se reparam. *Èsù* detém a força que se propaga, ele abre caminho até o além, distribui e restitui o poder de realização (*àse*) que permite que a vida se regenere e expanda-se. É o princípio reparador. Reparar e expandir-se é diferenciar-se.

A vida individualizada é “uma vida”, em contraste com a vida ge-

O sistema religioso *Yorùbá* é um poderoso e sofisticado meio de comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

de Juana Elbein, é forte indicativo de uma presença que se expressa e se mostra¹⁰. No sistema dos ritos *Nàgô* a individualização de um ser não se completa enquanto ele não emitir o primeiro som (*keê*), signo de individualidade. As entidades não individualizadas são mudas. O som

manter o renascimento e diferenciação permanente. A necessidade de restituir a vida, que não está garantida de uma vez por todas, é a base da ambivalência entre o *àiyé* e o *òrun*. É como se, nesse modo de pensar a vida, o homem sofresse da eterna ameaça de per-

nérica. Não é toda a vida potencial dispersa na terra, na lama, na matéria primitiva, na massa germinal. O princípio da diferenciação consagra à pessoa o poder de desenvolver-se; faz da matéria uma matéria diferenciada. Arriscamo-nos a pensar que a matéria individualizada é “massa de movimento lento”¹¹, como os *òrìsà*. A individualidade, no texto de Juana Elbein, não é exclusivamente interioridade. O sacerdote dos ritos *Yorùbá* sabe que sem a existência genérica, sem o coletivo, sem a terra-mãe, não haveria existência individualizada. Cada existência individualizada leva consigo aspectos do coletivo, da sua matéria de origem, a matéria genérica, a terra, a massa germinal da qual se destacam as porções como seres de singularidade. Adquirir a individualidade de um corpo é adquirir “assento”. O interior e o exterior, o mundo e o além, a vida e a morte, atravessam o mesmo corpo; a forma e o informe, a vida genérica e a vida

ca – combinados com elementos que lhe dão especificidade – matéria diferenciada. O corpo que se diferencia é vitalizado, é fortalecido, pela sua conexão com as porções que o constituem e pedem expressão. A existência, a vida, o corpo, se afirmam e se diferenciam não pelo bloqueio dos vários elementos em devir que requerem expressão, mas dando-lhes passagem. O corpo se fortalece e fortifica-se nos seus devires. Fortalecer as entidades sobrenaturais, deixar acontecer a conexão entre a matéria individualizada e a matéria genérica assegura o devir e é imprescindível para que a vida se desenvolva.

*

A prática ritual *Yorùbá* ressoa insistentemente na clínica da psicose, muito embora sejam práxis diversas e em condições absolutamente distintas. O texto sugestivo de

dinâmica social avassaladora que é a que vivemos. A linha que marca nosso interesse pela prática *Nàgô*, tal qual documenta Joana Elbein, é a questão da relação dos homens com os mortos. É a questão da morte que circula no rito *Nàgô* e na clínica da psicose. A loucura perdeu seu liame com a vida cotidiana, teve seu sentido banido, e encontra-se, ainda em nossos dias, atrás dos muros da manicomialização psicopatológica. Foucault já mostrou que nem sempre foi assim: houve épocas em que a loucura tinha seu lugar no cotidiano das coletividades.

A clínica, em nossa referência, particulariza-se na oficina de rádio¹², a “Rádio CAPS, 980 Khz, ondas longas”, ressoa muito claramente como um poder de comunicação e expansão, como um *Èsù* que nos permitiu navegar por mares longínquos. Um poder pode levar-nos onde quisermos; ele abre-nos os caminhos, leva-nos às várias encruzilhadas, indica-nos os caminhos para os vários mundos e até um além do mundo; um além que porta o informe, os fluxos desenfreios da vida e da morte. Um além que participa do próprio corpo.

Essa produção está indissolivelmente ligada a uma outra. A vitalização do espaço, do desejo, do poder de produção dos pacientes. A rádio liberou e produziu nas pessoas e no ambiente uma excitação contagiante, uma energização; desbloqueou o poder de falar, de se movimentar, de gritar suas preocupações, de comunicar e de conectar novos fragmentos da experiência de cada um. Abriu-se ali um campo desejante mais ou menos livre, um campo de conexão com o inconsciente onde o desejo se pôs em jogo e, portanto, um campo de contato com o estranho, com o longínquo, com o fora.

Vou expor alguns momentos da oficina tentando marcar para o leitor o processo de experimentação singular que ali se produziu. Expressar o que aconteceu enquanto no-

O interior e o exterior, o mundo e o além, a vida e a morte, atravessam o mesmo corpo; a forma e o informe, a vida genérica e a vida individualizada compõem um só corpo. A lama, o sopro e o assento constituem o corpo do homem.

individualizada compõem um só corpo. A lama, o sopro e o assento constituem o corpo do homem. O ser humano comporta assim uma heterogeneidade. Como tudo o mais ele é constituído por elementos coletivos e cósmicos – matéria genérica

Juana Elbein dos Santos cai como uma lente de aumento, a fim de que os gestos esparsos, fragmentados e excluídos de significado e sentido social que a loucura nos traz, possam se recompor e achar ou produzir um abrigo mínimo dentro de uma

vas conexões desejantes; o que ali se produziu enquanto aparelho de abrir novos caminhos e de expansão das possibilidades de fala e de ação; enquanto dispositivo que potencializa a palavra e a faz atravessar o amplo espaço atmosférico até o além, até o mundo sobrenatural, até o mundo dos mortos.

Nesse amplo espaço de heterogeneidade onde muitas esferas se conectavam e experiências insólitas se marcavam, a experiência com a morte se produziu de vários modos.

A morte é uma questão e uma preocupação para muitas pessoas que experimentam a psicose.

Na rádio tudo recebia expressão e abrigo. Deu-se com A. de considerar-se uma mulher, ou antes, uma mulher-homem. Vestia saia, pintava as unhas e calçava tamanhos. Os funcionários o impediram de usar saias e vestidos. Pedia que seu nome fosse pronunciado com a desinência “a” no final, indicando o feminino, em vez de “o”, corrigindo assim a linguagem e o erro com relação a sua natureza feminina. Desta forma, em vez de Alberto¹³ preferia que lhe chamassem Alberta. Alberta vivia separado dos outros pacientes, embora nos ambientes reservados mantivesse relacionamento íntimo com vários usuários do hospital-dia. Ele passa a uns e outros, inclusive aos visitantes, bilhetes “eróticos” de apologia ao sexo. Na entrevista com Alberta talvez houvesse algum receio quanto ao que ele poderia revelar em público. Quando lhe perguntaram do que mais gostava, Alberta respondeu prontamente, le-

vando todos aos risos: “sexo, o que eu mais gosto é de sexo”.

O estranho que encontrava passagem na rádio vinha graciosamente surpreender-nos, às vezes quase nos assustando, por vezes nos mostrando uma leveza no trato dos assuntos mais delicados. Cada segunda-feira era inteiramente diferente

de todas as outras. Aquilo que acontecia era sempre inusitado e não coincidia com o que imaginávamos previamente, rindo-se de nossas expectativas. Nossa alegria em boa parte decorria da sensação de ser participante daquele movimento, embora soubéssemos nada daquilo estava sobre nosso controle, isto é, não tínhamos o saber do porquê tudo aquilo se dava, nem de onde partia, nem para onde ia. Alguma coisa vinha vindo, vinha vindo à distância, longe, e não chegava; de repente já havia passado. Um tempo eterno, mas tão fugaz.

Fenômenos distantes de repente aparecem e encontram na oficina um nicho. Certa vez a rádio foi realizada mais próximo do galinheiro, com a interferência dos galináceos. V. fez-nos notar que as galinhas estavam participando da rádio, pois todas se encontravam aglomeradas no lado próximo do galinheiro. Assim a rádio vai abrindo participações esquisitas e

vetores diversos. Surgia ali um mistério: o mundo inteiro, um mundo visível e um mundo não visível parecia se sintonizar; um mundo humano e um mundo não humano conectava-se à rádio.

Novas portas para o dizer se abriam, novos gestos diante da vida. Cada oficina era uma surpresa. Algo singular era dito ou se apresentava numa luz cândida, povoando aquele espaço, modificando a geografia e a atmosfera, invadindo o HD, encontrando um abrigo, constituindo a rádio, ligando o longe ao perto, o louco ao não-louco, a saúde à doença, o doente ao médico, o alienado ao alienista, dissolvendo-os um no outro e abrindo um espaço de heterogeneidade.

Nesse amplo espaço de heterogeneidade onde muitas esferas se conectavam e experiências insólitas se marcavam, a experiência com a morte se produziu de vários modos. Desde o início de seu funcionamento a oficina de rádio, ao vitalizar um campo de produção desejante, faz vir a questão da morte. A morte é uma questão e uma preocupação para muitas pessoas que experimentam a psicose. Certa vez uma moça, olhando intensamente o chão, indagava – talvez para si própria mais do que para quem estava ao seu lado, talvez para ninguém – não saber se estava viva ou se estava morta. Seu poder de expansão era quase nulo. Outro paciente já tivera a experiência de ter sido morto várias vezes por mulheres macumbeyras. Um outro temia e se escondia da polícia porque seu duplo tinha matado dezenas de crianças no final de semana. A polícia o perseguia porque acreditava que ele tinha matado as crianças quando, na verdade, fora seu “duplo” do além que cometera os crimes. A presença da morte para os pacientes com transtornos mentais graves é permanente.

A dimensão da morte, embora habitualmente esquecida, nem por isso deixa de estar presente onde

quer que estejamos. Na psicose a morte é uma presença muito nítida. Mas a problemática da morte, a experiência de continuidade entre a vida e a morte, a experiência de proximidade da vida com a morte, de forma alguma está restrita à experiência psicopatológica. Muito ao contrário, ao se dar conta da vida, da tristeza e da alegria o homem está sempre às voltas com a morte. Na oficina de rádio, em certa ocasião, a questão da morte vem por outro viés e trata-se da experiência de um funcionário. Numa segunda-feira comum, assim que a rádio começa sua programação o funcionário W. exclama: “essa rádio levanta até defunto”. De qual defunto o funcionário se refere? Viu-se muita coisa ressuscitar naquela casa. Lembrome de duas meninas extremamente afetadas pela psicose. Uma voltou-se para a faxina do CAPS tão ou mais preocupada com a limpeza que os funcionários. Desinteressada de tudo o mais M. declinou nosso primeiro convite para cantar, mas as-

sivo e o brilho de M., aplaudiram. A outra paciente, L., se encontrava agitada andarilhando no meio do corredor onde a rádio funcionava, olhava para o chão quando a convidávamos e saía como um ato agressivo, apavorada e agoniada ao mesmo tempo. Nem as pessoas de quem ela era mais próxima conseguiram fazê-la cantar uma canção. Em certo momento L. parou silenciosa, intempestiva e enigmática em frente ao locutor que discorria sua fala. O microfone lhe foi entregue sem demora. L. o pegou e cantou uma canção em inglês. A admiração dos rádiouvintes também foi grande. Palmas e gritos louvaram a beleza do canto e a potência das moças. Era sempre estranho que aquelas pessoas apresentassem, como se fosse de repente, tanto talento. Parecia estranho alguém cantar com tal ímpeto e beleza e ao mesmo tempo sofrer de esquizofrenia. Aquele ato afetava a imagem daquelas moças definitivamente na casa e oferecia a todos uma

certa vez um paciente sua alegria e júbilo irrefreáveis.

Voltando ao comentário de W., é a essa fonte de renascimento que ele se refere e sorve, a essa revitalização das pessoas e do espaço, quando diz “essa rádio levanta até defunto”. Mas há ainda um outro aspecto a considerar. O funcionário W. era costumeiramente alegre e encontrava-se particularmente melancólico naquela manhã de segunda. Sério e chateado, como afirmou, preferia não ter vindo ao trabalho. Mas a música de Moreira da Silva e a vibração da rádio o tocaram e seu corpo se agitou; o funcionário dançou e se alegrou na oficina sorratamente, sempre meio na periferia, como muitas outras vezes o fez. É do revigoramento de suas próprias forças, de sua própria vida de que ele fala, o que ressuscita é seu *ânimo*. W. é o defunto que se levanta. A experiência de renascer é mais comum e menos esotérica do que pensamos. Na loucura a relação do ser com a morte se torna apenas mais premente e mais dolorida, pois os contornos que divide uma de outra estão freqüentemente esgarçados e imprecisos.

Assim, em certo dia, inesperadamente, alguém quis passar um recado para sua mãe: um canal novo de possibilidades para o desejo estava aberto e novas expressões poderiam ser sintonizadas. Muitas vozes, muitos corpos em trânsito inquietantes, nenhum lugar, nem nomes¹⁵. Tudo era fluxo de gente e saliva. Foi quando V. perguntou, no terceiro dia de funcionamento da oficina, se podia mandar um recado para sua mãe.

V. – Eu queria falar com a minha mãe, será que pode ser?

A. – Pode...

V. – Há, há, há...

A. – Pode ser.

V. – Faz três, quatro anos que eu não vejo minha mãe. Eu queria falar com ela.

A. – Ótimo. (Sorrindo.) Você vai falar com sua mãe.

Era sempre estranho que aquelas pessoas apresentassem, como se fosse de repente, tanto talento. Parecia estranho alguém cantar com tal ímpeto e beleza, e ao mesmo tempo sofrer de esquizofrenia.

sentiu à nossa insistência. Cantou, da sua infância, uma linda canção que nunca mais ouvira, porque seu disco de vinil tinha quebrado. Os ouvintes, admirados, surpresos pela beleza do canto, pelo vigor expres-

fortênie (forte e tênue)¹⁴ vitalidade e alegria. O canto trazia as pessoas para um mundo da saúde, ressuscitava nelas e em nós a vida. Aquilo nos contagiava imensamente. “O CAPS está ficando bom”, bradou

V. – Eu não sei... Será que ela vai ouvir?

A. – (Tempo.) Pelo menos você fala, não é?

An. – Pelo menos tenta, né V.?

V. – O meu pai eu sei que dá pra conversar, mas com minha mãe...

A. – Fica mais difícil.

V. – Tá mais difícil.

Então na hora-H o usuário lançou seu recado: “Eu não sei se minha mãe está viva ou se ela está morta. Meu tio diz que ela está viva, mas tem gente que diz que ela está morta. Meu pai eu sei que está vivo, com ele é fácil falar. Mas minha mãe eu acho que está morta. Com ela é mais difícil. Eu gostaria de dizer para minha mãe que eu estou bem, que ela não se preocupe comigo, porque eu estou bem”. Todos ouviram despertos; escutaram. Ninguém rebateu nem interpretou, ninguém perguntou nada porque nada mais era necessário. Apenas ouvimos e ao ouvir participamos daquela experiência. A experiência precisa da transmissão para se constituir.

Esse evento deixou-nos entre a estranheza e a surpresa e diz respeito a algo tão próximo da vida que é a morte. Ao instigar as flutuações das potências do viver, a oficina de rádio abriu-nos um curioso caminho, um portal para o mundo dos mortos. Laçan considera que o rádio nos põe em contato com o longe. A particularidade da palavra no rádio é que ela é destinada a auditores invisíveis. “Pode-se dizer que na imaginação do locutor, ele não se endereça forçosamente àqueles que o escutam, mas também a todos, aos vivos como aos mortos”¹⁶. Eis a comunicação que se torna possível.

A rádio abre os caminhos que dão passagem para que uma mensagem, a mensagem de V., chegue ao seu destino, à sua mãe, ao além, a esse outro lado da existência que é a morte. Com sua mensagem V. restitui sua mãe ao mundo dos mor-

tos ou ao além e restabelece o mundo dos vivos a si próprio. Falar com os mortos é um signo evidente da continuidade da vida, pois restabelece uma distinção entre o *àiyé* e o *òrun*, entre a existência individualizada e a existência genérica, entre e vida e a morte. Ao lidar com os poderes do além, do mundo so-

passagem do mundo dos vivos ao mundo dos mortos estivesse mais presente e fosse menos estreita. Essa passagem – na experiência da psicose – podemos entendê-la não como o fim total da existência, mas como a passagem a outro modo de existir. Um modo de existir sem palavra, sem assento e sem singulari-

A psicose revela-nos uma existência frágil ameaçada pela morte, pela fusão com os mortos, pela absorção do corpo à protomassa que o gerou. Não há, pois, matéria individualizada.

brenatural, nós constituímos-nos portadores de poder de realização da vida. O interesse nessa tentativa de harmonizar as relações entre a vida e a morte é tornar possível a existência singularizada. O contato que se estabelece entre esses dois níveis é perigoso, pois as forças intempesativas da existência podem, ao mesmo tempo, interromper a vida e destruí-la. No Candomblé é feito com extremo cuidado e perícia, pelos sacerdotes que são sábios a respeito dos assuntos da vida. No nosso caso, a situação de ampliação da potência coletiva em torno da rádio possibilitou-nos esse contato sem o efeito destrutivo que pode trazer.

A existência da vida e da morte faz parte da experiência do homem. O esquizofrênico vive a existência simultânea da vida e da morte de maneira dramaticamente intensa. Como se a realidade inelutável da

idade; um modo de existir totalmente disperso na lama, na matéria primordial, espalhado na superfície da terra. Um modo de existir totalmente disperso no coletivo, na família, na terra-útero, nos quais não há lugar nem para a vontade nem para a singularidade de um corpo; nos quais não se pode falar de “um corpo”, nem de “uma vida”; não há, pois, matéria individualizada.

A psicose revela-nos uma existência frágil ameaçada pela morte, pela fusão com os mortos, pela absorção do corpo à protomassa que o gerou. O trabalho fértil da psicanalista Gisela Pankow, *O homem e sua psicose*¹⁷, ajuda-nos a pontuar nossa questão. Através da discussão de vários casos de psicoterapia em pacientes psicóticos, Pankow desenvolve uma terapêutica da estruturação da imagem do corpo dissociado fazendo uso de massa de mode-

lar e de desenhos como recursos coadjuvantes. Na psicose, as funções da imagem do corpo estão danificadas. A função que concerne à estrutura espacial do corpo enquanto forma, que mantém a relação dinâmica entre parte e totalidade não funciona. “A unidade da forma está destruída e podemos falar de um *corpo dissociado*”¹⁸. A função da imagem do corpo enquanto conteúdo não está intacta quando “o doente não é capaz de reconhecer as funções próprias das partes do corpo”¹⁹. Dissociação, na definição de Pankow, designa a destruição da imagem corporal de forma tal que não é possível estabelecer uma ligação entre as partes e a totalidade e o paciente rejeita parte de sua experiência. Uma parte do corpo pode perder sua caracterização como parte, tornar-se heterogêneo ao corpo. Esta parte perde sua função, perde sua identidade de órgão, perde sua significação. Produz-se aí a falha na imagem do corpo, pois tal parte, sem função nem significação, não pode compor uma imagem. Não é a imagem evocada, como diz Pankow, mas uma parte evocada que “apresenta-se como pertencente ao mundo exterior”²⁰. A parte do corpo ao perder sua função, significação e organização perde também sua imagem, ela é informe, é uma parte amorfa, um “corpo estranho”.

Considerar que tal parte componha uma imagem, muito embora uma imagem estranha e mesmo insuportável, leva-nos, quando não ignoramos os acontecimentos da clínica, a uma avaliação bizarra: “minha doente era incapaz de reconhecer uma imagem como imagem”. Gisela Pankow pensa a partir da dialética entre parte e totalidade e propõe uma terapêutica para recompor a imagem unificada do corpo. O corpo fragmentado que – nos casos apresentados pela psicanalista – é vivido como pedra, como corrente, como árvore, como castelo familiar, como mulher, como telefone, perdeu seu contorno habi-

tual, seus limites, seu caráter individual e humano. A vivência e aceitação de uma forma heterogênea “é uma ameaça à minha existência”²¹. Ele pode perder e jamais retornar à forma humana e individual.

O corpo humano e individual pode se metamorfosear em outras maneiras de ser. Pode realizar esse retorno à matéria informe ainda que o preço a pagar seja a vida. Em cada um há uma porção de matéria familiar, de matéria coletiva, de matéria vegetal, cósmica, que se diferencia e se singulariza num corpo. Na psicose o sujeito vive dramaticamente essas maneiras de ser – vegetal, animal, ancestral, mineral. O psicótico duvida de quem é, não se decide porque não recusa as várias porções que o forma em prol de uma única forma humana. No corpo individualizado subsiste um corpo que reclama espalhar-se na terra, nas paredes, nas árvores, nos animais, nas coisas inanimadas. Se há, na psicose, um lugar para tais vivências é porque a terra informe da qual o humano surgiu pode reclamar ou-

olhos, orelha, boca. Não tem órgãos”²², relata um paciente a respeito de um outro corpo que vive.

A terapêutica de reestruturação da imagem do corpo visa “trazer o doente de volta para o mundo humano”²³, visa abolir o corpo de experimentar suas vivências de pedra, de árvore, de animal, de mineral. Visa bloquear a emergência da heterogeneidade corporal, as várias formas da matéria invadindo o indivíduo, visa tapar os buracos por onde passam os vários devires da matéria.

O interesse humano pelo outro lado, pelo além, pela distensão do corpo na terra, pelo ser enquanto absoluto, pegando as idéias de Lacan²⁴, é seu interesse pelo gozo. Pelo gozo dito por ele não sexual, pelo gozo da “existência indeterminada”²⁵, da intensidade corporal que não se detém nos órgãos, nos caracteres, nos contornos de um corpo submetido a divisões, classificação e organização; pelo gozo de um corpo amplo, não organizado, não localizado, sem assento sepa-

É o gozo de um corpo amplo,
não organizado, não localizado, sem assento
separado, sem individualidade, que
nós bem poderíamos chamar de *corpo*
genérico, corpo que não obedece
a nenhum código. É do corpo genérico que
todo o gozo jorra.

tras formas de existência. É a presença incômoda e agitadora do corpo genérico reclamando transformação, de um corpo que vibra e “não se sabe o que se tornará. Nem mesmo tem órgãos na cabeça. Não tem

rado, sem individualidade, que nós bem poderíamos chamar de *corpo genérico*, corpo que não obedece a nenhum código. É do corpo genérico que todo o gozo jorra. Lacan fala de duas modalidades de gozo:

um gozo que advém do órgão, de uma parte do corpo, de um objeto parcial; outro gozo do corpo enquanto aquilo que formiga, enquanto pura intensidade, condicionada num universal.

O corpo genérico é o corpo indivisível da porção de lama, matéria germinal, sobre o qual se juntam os órgãos e uma outra organização corporal formada por partes, membros, tronco, cabeça, fígado, coração, olhos, anus, boca, os objetos parciais. O gozo de um outro corpo, de um corpo genérico, assexuado e puramente pulsional que comporta todas as formas. O gozo do corpo genérico se distingue do gozo sexual, este localizado, contornado ou falicizado. Para Lacan²⁶, é preciso contornar um território, uma região, um lugar, uma margem ainda que precária, uma dobra, fazer uma “geometria”, instaurar uma heterogeneidade, no espaço ilimitado do gozo da existência, para que se possa falar dele, para que se possa produzir uma fala ou um discurso, isto é, para que se produza no existir genérico uma existência singularizada. Se essa organicidade se desfaz totalmente o corpo perde as estrias, as curvas, os órgãos, as partes, e se torna pleno, liso, sem marcas e o sujeito entra naquela dúvida da existência, nem sabe se existe, “se estou vivo ou se estou morto”, se o tempo em que vive não é outro tempo. Para se manter individualizado é preciso produzir a disjunção, separar, através de um artifício, os dois mundos, compor a heterogeneidade. Os signos, os traços, a constituição de caracteres, de contornos corporais, refreia a intensidade da matéria germinal, subjetiva o ser, delimita um campo subjetivo, um lugar.

Mas o conceito de gozo em Lacan remete à idéia de perda. O gozo é perda de gozo sexual. O mais-de-gozar, como prefere chamar, ganha conotação de perda ao referir-se à castração²⁷. Não é este, em absoluto, meu enfoque. Estou

mais interessado no empuxo do gozo, enquanto um empuxo do corpo genérico; a vibração, a intensidade do corpo genérico que irrompe no corpo organizado e é disruptivo na psicose, a pulsação rítmica descontextualizada que quebra a história e os dramas individu-

um impulso de se conectar ao além, ao mundo dos mortos, um desejo de espalhamento sobre a terra mineral, um desejo de dispersar-se como um campo magnético sobre a superfície – o desejo conectado à terra. Aqui o que é desejado é o fundo da terra intenso no qual tudo

Isso que goza, que vibra, que se agita
para além do corpo individuado, para além
das partes significadas do corpo,
para além de suas funções e formas, é disso
que se supõe o inconsciente.

ais. Mas esse gozo não é transgressão, não transgride nada, é irrupção; é “outra satisfação”, a satisfação do inconsciente, o estoque de gozo, a agitação atômica²⁸, mineral. Isso que goza, que vibra, que se agita para além do corpo individuado, para além das partes significadas do corpo, para além de suas funções e formas, é disso que se supõe o inconsciente. Há um gozo do além, desse corpo que não é individualidade, não tem assento nem significados. Quer dizer que dessa experiência de gozo do corpo genérico não se pode formular um discurso e delimitar um lugar. Pankow fala de dissociação quando trata da experiência psicótica de uma heterogeneidade corporal. Na psicose há uma invasão ou atravessamento de um elemento entranho no corpo.

Na mensagem de V. à sua mãe (“estou bem, mãe”) há um desejo,

flui, o magma vital. O gozo do corpo dispersivo só se elabora, afirma Lacan, “a partir de um semblante, de uma aparência”²⁹. Naquela expressão quase solene, ou solene, o “eu estou bem, mãe” é um eu te peço, mãe, que recuses o que queres e o que eu quero. Uma espécie de “mãe me recuse; mãe não me queira, eu preciso viver”. Schreber dizia que Deus não sabia nada da vida; seria mesmo preciso enviá-lhe notícias, pois sem que os deuses saibam da vida, talvez fique muito mais difícil mantê-la. Sou eu que falo ao outro, ao além, e isso me assegura minimamente que tenho um assento, uma fala, um grito. Ao falar o sujeito põe a mãe morta em outro lugar, no lugar dos mortos e, simultaneamente, se afirma no lugar dos vivos. Quando fala, ou grita, o sujeito se destaca, se individualiza, se separa da matéria genéri-

ca, adquire seu assento, torna-se singularidade; reduz a velocidade virlenta da existência. A fluidez absoluta é temida, pois tal fluidez, tal espalhamento absoluto é ele mesmo um modo de experimento da morte, do retorno ao útero da matéria intensiva. Se se aparta, como no parto, o corpo nasce como matéria que se separa e se diferencia de outro. Nascer é vir do *òrun* ao *àiyé*. Meu assento, meu lugar como matéria viva diferenciada, não se faz pela exclusão da morte – assim nos dá e nos mostra a tradição *Yorùbá* – mas no consórcio explícito com ela. Isso revela o quanto o esquizofrênico se encontra na fronteira, demasiadamente na fronteira onde o corpo singular se separa e se conecta ao corpo genérico, essa experiência limite da linguagem. Talvez porque na psicose a agitação do corpo é mais intensa, sua relação com a morte e com os mortos, com o além, é mais comum, mais presente e mais radical. A psicose é tão peremptória em dizer, em garantir até, naquele que porta tal experiência, que há uma intensidade que vibra mais além, num outro corpo que, embora em mim, eu não possuo. O psicótico vivencia intensamente um outro mundo imanente. O sobrenatural, o além e o aquém, o lugar da morte, encontram-se todos no corpo. Todo o *òrun* habita o *àiyé*.

Mãe, estou bem, seu descendente pode e deve continuar seu caminho, seu ciclo vital. Em momentos de crise necessita-se restabelecer a relação harmoniosa entre os vivos e os mortos. V. evita, desse modo, uma experiência de destruição, a ameaça do mundo dos mortos ao mundo dos vivos. Mantendo uma boa relação com os mortos, com os antepassados, com o além, a pessoa mantém o curso do seu processo de diferenciação e não é devolvido à lama de onde veio. É a luta da matéria individualizada, na terminologia de Juana Elbein, para manter sua continuidade e seu de-

envolvimento. No ritual *Nàgô* o *Ma sokún, omo* (não chore, filho)³⁰ é parte ritual das homenagens e despedidas do morto. O que V. faz pode muito bem ser um subterfúgio, um artifício para driblar a morte, evitando a morte prematura e mantendo seu ciclo de diferenciação. Ao dizer para a mãe morta “es-

fora de nossa experiência na linguagem. Nós habitamos esses dois mundos. É na vida cotidiana que o além habita e que habitamos o além, e onde muitas vezes nos sentimos perseguidos ou perdidos. Pois é a palavra que veicula a vida e a morte conjuntamente; ela insere aqueles que falam na dimensão da vida,

A intensidade que percorre
 a oficina traçou caminhos, sintonizou canais
 de ida e vinda do mundo do além,
 do perto e do longe; instalou provisoriamente
 uma geografia diferenciada.
 Abriu um canal, desenvolveu uma potência.

“tôu bem”, V. se desprende e nasce (ou renasce). Nascer significa desprender-se da matéria-massa. Nascer, desprender-se da terra, viver, desenvolver-se. A rádio funciona como esse elemento que, ao restituir uma palavra, ao potencializar o som e a palavra falada, o movimento e o gesto, restitui o poder vital de realização, de separação e de diferenciação dos corpos. A psicose, tal como a vemos aqui, não se refere a uma transgressão da lei ou a sua recusa, nem a experiência de corpo perdido, muito menos, como sugere Ivone C. Dia Gomes³¹, uma lei autônoma e sem corpo que age sozinha cumprindo seus imperativos.

Esse além, esse transcendente é verdadeiramente algo que faz parte da experiência humana e se conjugua muito bem com o estranho do inconsciente, que na visão de Freud é ao mesmo tempo demasiadamente familiar, íntimo, ligado a nós, como um outro lado, um lado de

mas, igualmente, adverte Lacan³², na da morte. A vida marcada pela linguagem comporta a vida e a morte.

A intensidade que percorre a oficina traçou caminhos, sintonizou canais de ida e vinda do mundo do além, do perto e do longe; instalou provisoriamente uma geografia diferenciada. Abriu um canal, desenvolveu uma potência. Através da rádio foi liberada e desenvolvida uma força, um poder de ligar-nos ao longínquo e nos pôr em contato com o além, de liberar uma relação não conflituosa, não desastrosa entre a vida e a morte, com os espaços sobrenaturais não controlados pelo humano e que assegura a existência, a manutenção da vida. Ao “ampliar a nossa voz” a rádio é um poder coletivo que abre caminhos, dá passagem e leva-nos às encruzilhadas da existência. Há um poder de coletivizar a palavra. Não a palavra fria do dicionário, a palavra isolada, mas a palavra viva encarnada

no corpo, a palavra que ruboriza e queima, a palavra pela qual nos escondemos. Essa é a palavra a ser coletivizada, a palavra indomada, a palavra que João Cabral³³ chamaria de pré-didática, que não leciona, não ensina nada, mas afeta; palavras que ulceram as bocas dos seus usuários e dá gagueira. Palavra que pede para se realizar. É essa palavra que o dispositivo oficina de rádio coletiviza. E esse coletivizar a palavra, expressa Lacan³⁴, é da natureza de engendrar um sorriso. Porque queima, provoca suspense, ulcera a boca, a palavra produz sorrisos. A palavra encontra, reencontra ou cria ali um coletivo e, nesse agenciamento, ela toma toda sua força, toda sua capacidade de atingir a fronteira dos mundos, das existências, a fronteira da linguagem. É um modo, o que encontramos na oficina de rádio, de produzir o real, de atingi-lo, de fustigá-lo, de brincar com ele, de rir-se do real.

A “ampliação da nossa voz” não se deve exclusivamente ao volume de som que a caixa elétrica permite aumentar, mas a uma intensificação de um poder coletivo de expansão, cuja produção era ali visível e a todos afetava. Nosso “princípio de expansão e comunicação” não é um equipamento de som ao qual as pessoas se acoplam, mas o dispositivo coletivo que ali se concretiza, na junção e disjunção de vários fluxos – fluxo de pessoas, fluxos de animais, de funcionários, de pacientes, fluxos elétricos, fluxos de saliva, fluxos sonoros, fluxos esquizofrênicos. Muitos corpos sem nomes nem lugar. A própria localização da oficina não se limitava nos cômodos que separa os vários fluxos em transversalidade na casa. A rádio situa-se no meio do caminho, na encruzilhada do tráfego intenso de funcionários, de técnicos e de familiares; no encontro e desencontro de vários corpos. Um ponto de encontro dos vários caminhos que cruzam a casa, um ponto de interrupção dos percursos apressados dos

representantes de laboratórios e dos pacientes do ambulatório, um ponto de junção com outros mundos imanentes. A rádio é o resultado de vários cruzamentos. Sintonizou a saudade, o passado e o futuro, a alegria, o desejo, o corpo e o além.

A vitalização do espaço, do desejo, do poder de produção dos pacientes. A rádio liberou e produziu nas pessoas e no ambiente uma excitação contagiante, uma energização; desbloqueou o poder de falar, de se movimentar, de gritar suas preocupações, de comunicar e de conectar novos fragmentos da experiência de cada um. Abriu-se ali um campo desejante mais ou menos livre, um campo de conexão com o inconsciente onde o desejo se pôs em jogo e, portanto, um campo de contato com o estranho, com o longínquo, com o fora.

Um mundo diverso e fervilhante surgia no lugar mesmo de um cotidiano amortecido; um mundo vivo e aceso, pleno de movimento como as ondas indomáveis do mar;

explode em palavras, em gestos e sons, um mundo cheio de signos e de agitação desejante. Um mundo de ondas, de espíritos, de idéias e sensações múltiplas e desierarquizadas. Um mundo solto, pululante, agitado como as moléculas, atravessado por casualidades. O acaso salteou-nos quando A. disse gostar de sexo. Que isso era a mais simples verdade já era sabido, pois há anos A. distribuía suas mensagens a todos. Mas naquele dia a coisa não foi dita de um a um, como coisa de louco; num encontro público A. pôde dizer o que lhe ocorria, foi um agenciamento coletivo que lhe permitiu furar o bloqueio da onda, mergulhar no grupo sem ser impedido. Há aí uma subversão da linguagem operada num coletivo, através, com e pelo coletivo.

O princípio dinâmico é também aquilo que individualiza, que singulariza, que conecta e comunica. Um coletivo que cria seu princípio dinâmico de expansão e comunicação cria seu princípio de singulari-

É um modo, o que encontramos na oficina de rádio, de produzir o real, de atingi-lo, de fustigá-lo, de brincar com ele: de rir-se do real.

um mundo que se move em ondas radiofônicas. Não um mundo em repouso que se aquieta e sossega – nessa forma que muitas vezes imaginamos que o tratamento da psicose deva ser. É um mundo que

zação e ao criar tal dispositivo libera as singularidades, deixam-nas passar, se articular, sem bloquear o desejo, ao contrário, potencializa-o. A rádio é esse coletivo que se produz a partir de si mesmo, esse cole-

tivo que primeiramente se produz como um coletivo. É esse agenciamento coletivo que é, ele mesmo, um clarão que se expande, ilumina e esconde, faz dizer e faz calar. É esse princípio dinâmico que nos pode conectar a outro mundo, ao além, a um mundo de seres sobrenaturais, mundo dos ancestrais, mundo dos mortos. É o princípio capaz de restituir a singularidade e de restabelecer a relação dinâmica dos vivos com os mortos, a harmonia necessária, embora precária, entre esses dois planos da vida e do corpo, para a continuação da existência. O princípio de comunicação e expansão é também um princípio de diferenciação, de singularização dos seres.

Viver é vir do *òrun* ao *àyé*, é pôr em movimento uma produção que vai da vida genérica e amorfa ao corpo diferenciado. Essa passagem é contínua, ocorre no correr da vida. Não é um percurso que fizemos uma vez e pronto. Estamos sempre nascendo, sempre nos despregando de uma matéria progenitora, todos somos matéria em transformação. Quando, na oficina de rádio isso é evidente, sentimos agitados e alegres, a experiência é de uma renovação, de uma experimentação da vida como nova, de nascimentos a cada segunda-feira. O aparente exagero da paciente que diz: “eu fico o final de semana esperando a rádio”, pode aqui fazer algum sentido. A rádio não massifica seu ouvinte-participante; ela é uma máquina coletiva de singularização. É necessário o consórcio daquelas forças (dos corpos, da eletricidade, etc.) para se criar essa máquina de expansão, esse poder vital, para que o pensamento se materialize, para que aquilo que se pensa venha e se realize, isto é, que o corpo possa se expressar, se desenvolver e expandir. Aquilo que se realiza se realiza num dispositivo coletivo. Num certo sentido, a rádio é por si mesma um organismo de potência vital. O dito “eu

gosto mais de sexo”, não tem nenhuma utilidade para ninguém. É uma fala que fala por si só, ela própria traz um sentido que nos atravessa, surpreende e alegra. E alegra-nos por irromper intempestivamente fora do lugar. É um prazer da heterogeneidade, de algo estranho que vem habitar o “não-lugar”, que pede passagem e vem se imiscuir num lugar qualquer. A doença se transforma em alegria e em vida.

A rádio não massifica seu ouvinte-participante; ela é uma máquina coletiva de singularização. Ela traz novas possibilidades de agir para um corpo em sofrimento.

As ondas da oficina de rádio conectam-nos a outras esferas de interesse da vida, com a esfera da morte (*ikosfera*) e com os seres que a povoam. Isso nos traz outra palavra, outro modo da palavra, uma palavra com outro poder e um outro

coletivo. A rádio traz novas possibilidades de agir para um corpo esmagado e em sofrimento. ■

NOTAS

1. Juana Elbein dos Santos (1998) *Os Nãgô e a morte*. Petrópolis: Vozes.
2. Idem, p. 34.
3. Idem, p. 54.
4. De acordo com a convenção internacional da ortografia *Nãgô* "s" tem som "ch", como em *èsu èse*.
5. Idem, p. 37.
6. Idem, p. 90.
7. Idem, p. 42.
8. Idem, p. 33.
9. Idem, p. 47.
10. Idem, pp. 47-48.
11. Idem, p. 76.
12. Nos anos 98-99 os usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), unidade do serviço psiquiátrico do Estado, na Cidade de São Paulo, desenvolveram uma atividade. A “oficina de rádio”, como foi chamada, despertou o interesse dos pacientes e de funcionários, tendo alcançado numerosa e intensa participação. A oficina desenvolvia uma programação de rádio numa praça, galpão ou corredor, com um aparelho *micro-sistem* e um microfone. Música, dança, notícia, mensagem, cantoria, debates sobre futebol, política, violência, psiquiatria e loucura, depoimentos, aconteciam surpreendendo, expandindo a experiência dos usuários e reconstruindo o espaço da saúde mental. A rádio tornou-se um lugar privilegiado de encontro, de conexão e produção das várias experiências que afetam as psicoses.
13. A mudança de masculino para feminino do nome fictício aqui proposto traz o mesmo estranhamento produzido pelo nome original.
14. Como o esforço de A. em juntar o feminino e o masculino, é preciso juntar as pontas dessas duas paralelas, pois o pensamento pode pensá-las simultaneamente no mesmo ponto e no mesmo tempo; como se nós, eu ou A., fôssemos a junção entre as duas, o intervalo que separa as paralelas, o corpo que as articula.
15. Impossível não lembrar da nota no frasco da instalação de Buenos, Paulo (2000), *Muitos nomes, nenhum lugar*. Instalação realizada na PUC-SP.
16. J. Lacan (1986) *Os escritos técnicos de Freud*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 43.
17. G. Pankow (1989) *O homem e sua psicose*. Campinas: Papirus.
18. Idem, p. 22.
19. Idem, p. 23.
20. Idem, p. 104.
21. Idem. Assim pensa um paciente de Gisela Pankow, p. 25.
22. Idem, p. 126.
23. Idem, p. 72.
24. J. Lacan (1985) *Mais ainda*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 20.
25. Idem, p. 140.
26. Idem, p. 17.
27. J. Lacan (1992) *O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
28. Lacan (1985), pp. 70 e 97.
29. Idem, p. 124.
30. Santos, p. 232.
31. I. C. D. Gomes (1999) “A existência inexistente: uma leitura da psicose”. *Psicanálise e Universidade*. São Paulo, nº 11, jul./dez., pp. 53-66.
32. Lacan (1985), p. 43.
33. João Cabral de Melo Neto (1996) *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: N. Fronteira, p. 21.
34. Lacan (1985), p. 32.